

# LEITURA EM VOZ ALTA COMPARTILHADA

**LUIZA MILANO (ORG.)**

2023

1ª edição

Porto Alegre

editora  
**ZO**  
**UK**

## **Conselho Editorial**

Cristiane Tavares – Instituto Vera Cruz/SP

Daniela Mussi – UFRJ

Idalice Ribeiro Silva Lima – UFTM

Joanna Burigo – Emancipa mulher

Leonardo Antunes – UFRGS

Lucia Tennina – UBA

Luis Augusto Campos – UERJ

Luis Felipe Miguel – UnB

Maria Amelia Bulhões – UFRGS

Regina Dalcastagnè – UnB

Regina Zilberman – UFRGS

Renato Ortiz – Unicamp

Ricardo Timm de Souza – PUCRS

Rodrigo Saballa de Carvalho – UFRGS

Rosana Pinheiro Machado – Universidade de Bath/UK

Susana Rangel – UFRGS

Winnie Bueno – Winnieteca

2023 © Luiza Milano

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk

Revisão: Tatiana Tanaka

Fotos da capa: Manuel Surreaux

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
de acordo com ISBD  
Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949**

L533

Leitura em voz alta compartilhada [recurso eletrônico] / organizado por  
Luiza Milano. - Porto Alegre : Zouk, 2023.  
192 p. ; PDF.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5778-105-0 (Ebook)

1. Leitura. 2. Linguística. I. Milano, Luiza. II. Título.

2023-1014

CDD 410

CDU 81'1

Índice para catálogo sistemático:

1. Linguística 410
2. Linguística 81'1



direitos desta edição reservados à

Editora Zouk

Av. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203

90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil

f. 51. 3024.7554

[www.editorazouk.com.br](http://www.editorazouk.com.br)

# Leitura em voz alta compartilhada: algumas reflexões sobre o efeito do outro, da voz e da escuta

Luiza Milano

*[...] na leitura, todas as emoções do corpo estão presentes, misturadas, enroladas: a fascinação, a vagância, a dor, a volúpia*  
BARTHES, 2004, p. 38

Falar sobre leitura é um exercício que pendula entre o microscópio e o telescópio. A imagem não é minha, mas de Barthes, em “Escrever a leitura” (artigo de BARTHES, 2004, p. 27). Neste capítulo, pretendo articular algumas questões de que venho me ocupando sobre aspectos micro e macro da leitura em voz alta compartilhada.

É, em minha opinião, um tremendo desafio tentar escrever sobre aquilo que se experiencia, sobre aquilo que se vive. Até porque escrevemos só depois de experimentar, pois “no durante” as coisas estão afetando intensamente a gente. Então, sem muita alternativa, o que acaba acontecendo é que quando me ponho a escrever sobre a experiência de ler em voz alta de forma compartilhada acabo por fazer o registro de um efeito; ou, melhor dizendo, acabo por fazer registros sob efeito. Será sob efeito, portanto, que tentarei, nas linhas que se seguem, escrever a partir dessa imagem pendular proposta por Barthes que vai do efeito micro ao efeito mais geral, produzido no e pelo grupo.

Olhando para o micro, parto daquilo que mais tem me afetado nessa experiência de partilha. Confesso que me iludi, ao pensar que poderia ser mais fácil começar dizendo algo sobre o que eu mesma escuto, vejo e sinto ao participar já há oito anos dessa atividade de leitura em voz alta em grupo, antes de tentar organizar meus pensamentos sobre o macro. Nessa aventura literária em que me meti mesmo não sendo uma especialista no campo, acabei por começar a entender, ainda que retroativamente, muitas de minhas escolhas profissionais e pessoais. Por isso me parece incontornável enfrentar o “meu micro” para depois poder dizer algo sobre o macro.

O *Leitura em Voz Alta*, projeto de extensão que coordeno a partir de meu vínculo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, iniciou sem grandes pretensões; na verdade, ele foi efeito de uma conversa em reunião de orientação com um aluno bolsista de iniciação científica. Esse aluno, o Augusto Stevanin, um encantado pela literatura, me fez despertar para essa ideia, que começou pela escuta dos sons na escrita de Guimarães Rosa (tema da pesquisa que ele desenvolvia sob minha orientação). Às vezes tenho a impressão de que o Augusto não aguenta mais minha insistência na rememoração dessa cena inicial, mas, sinto muito, ela insiste em mim. Foi ainda em 2014, numa conversa em que falávamos sobre instigantes questões sobre o fônico nos dados de pesquisa que nos desviamos, e propus lermos em voz alta todo o *Grande sertão: veredas*. Augusto topou a ideia na mesma hora e ainda saiu da reunião com a tarefa de arrecadar alguns colegas que encarassem esse desafio conosco. Assim começou, em março de 2015, um projeto que acabou por ocupar um lugar muito especial em minha vida, um lugar de partilha de voz e escuta do texto literário.

Desde o início do projeto *Leitura em Voz Alta* eu sempre fiz questão de anunciar que não sou especialista nem em voz nem em literatura. Esse blefe funcionou bem nos primeiros tempos, mas parece que não convenceu muita gente por muito tempo. Pessoas mais próximas a mim começaram a me dizer que essa desculpa já estava ficando constrangedora. Foi então que comecei a me perguntar (sobre minha denegação, óbvio, mas também) sobre o que faz que as pessoas apareçam semanalmente para ler conosco uma obra literária, justamente em meio a um grupo que não pretende ensinar nada sobre a obra ou sobre teorias literárias, nem sobre uso estético da voz. A proposta sempre foi muito livre e muito aberta: simplesmente ler juntos.

Foi então que comecei a olhar para trás e ver que nas diferentes atividades que realizei em minha trajetória me “especializei” em dar voz e oferecer escuta. Percebi também que nesse percurso sempre me atraiu muito a ideia de horizontalidade; afinal, dividir impasses e seus possíveis desdobramentos sempre me pareceu um jeito mais interessante de levar a vida. Nessa ideia de horizontalidade, tolerar, aprender e resignificar acabam sendo atitudes que me soam naturais. Acredito que foi assim que quase sempre me coloquei como fonoaudióloga clínica, como professora universitária, como mãe, como amiga, como mulher. Ou ao menos tentei.

Quando pequena eu mudei muito de escola, sempre dentro da mesma cidade, Porto Alegre. Nessa experiência de constantes mudanças, aprender a me inserir num grupo passou a ser tarefa número um. Acredito que nessa

época aprendi muito sobre escuta. Algumas vezes se tratava de uma escuta dolorosa, pois nesses ambientes escolares havia várias falas de preconceito e exclusão. Tenho lembrança de rondar sempre silenciosamente a ideia de um dia ocupar de fato um lugar com minha voz e meu corpo. Essa marca me acompanhou por muito tempo, pois levo ainda o maior susto ao perceber que lá nos tempos de meu mestrado a questão ainda insistia: talvez por isso eu tenha escrito uma dissertação inteira pra mostrar que há dizer(es) no silêncio!

Entre na vida adulta contemporaneamente à redemocratização do país. Silenciar ou falar, camuflar ou assumir, individualizar ou compartilhar. Esses impasses eu já percebia desde pequena, mas foi necessário sair pela única fresta que me pareceu possível naquele momento – a saída de casa, a saída da cidade – para poder sair a escutar em outros lugares. O que eu não me dava conta naquela época é que o maior desafio talvez não fosse encontrar um lugar de fala, mas, antes, um lugar de escuta. Escutar para ser escutada, parafraseando a oração de São Francisco, talvez uma das poucas lembranças positivas que eu traga de minha educação cristã.

O *Leitura em Voz Alta* foi então tomando um lugar no “meu micro” que parece ressignificar um tanto dessas cenas de busca por de lugar de fala, de silêncio e de escuta, não necessariamente nessa ordem.

Ler com outros também me lembra muito a atividade clínica que exerci. Minha escuta clínica sempre foi atravessada pela escuta que vai além do sintoma que os pacientes apresentam. Escutar os familiares e *com os* familiares, escutar os e *com os* demais profissionais que atendiam o caso, escutar na sessão clínica e em supervisão. Ou seja, escutar, para mim, sempre teve essa abrangência para além do sentido privado. Escutar me soa, desde então, a compartilhamento.

Não foi diferente ao exercer a função de professora e/ou de pesquisadora. Sempre acreditei que o que torna uma aula ou uma pesquisa interessantes são as perguntas compartilhadas. Apesar de muitas vezes elas nos surpreenderem, escuto nas perguntas algo que muito se assemelha a uma fresta. E é de frestas que sempre me nutri. Uma fresta me parece sempre uma outra possibilidade de interpretação de uma questão.

No *Leitura em Voz Alta*, somos todos frestas, por isso a alteridade é tão significativa nesse espaço. A parceria que acaba por se constituir entre os leitores do grupo se torna uma espécie de convivência. Mais que compartilhar, é preciso confiar nesse outro que nos lê, nos ouve e nos devolve o que ouviu da gente.

É então sob efeito dos outros – da obra, do/da autor(a), dos/das parceiro(a)s de leitura – que o projeto segue, ecoando efeitos que brotam nas frestas

e que pedem leitura. Barthes fala em *texto-leitura*, que é o texto que cada um de nós lê/ouve. Ele sugere pensar a leitura como um texto que escrevemos em nós quando lemos. Afinal “a lógica da leitura é diferente das regras da composição” (BARTHES, 2004, p. 28). Para o autor,

[...] à lógica da razão (que faz com que essa história seja legível) entre-meia-se uma lógica do símbolo. Essa lógica não é dedutiva, mas associativa: associa ao texto material (a cada uma de suas frases) *outras* ideias, *outras* imagens, *outras* significações.” (BARTHES, 2004, p. 28, grifos do autor).

E é dessas outras ideias, imagens e significações repercutindo em tantos leitores-ouvintes que compõem o grupo que lê em voz alta que a atividade se nutre. Aliás, se nutre não no sentido de acúmulo, mas no sentido de estarmos dispostos a acolher estímulos que nem sempre acomodam nossas ideias e sentimentos. As palavras de Barthes seguem sendo certeiras:

Abrir o texto, propor o sistema de sua leitura, não é apenas pedir e mostrar que podemos interpretá-lo livremente; é principalmente, e muito mais radicalmente, levar a reconhecer que não há verdade objetiva ou subjetiva de leitura, mas apenas verdade lúdica; e, ainda mais, o jogo não deve ser entendido como uma distração, mas como um trabalho – do qual, entretanto, se houvesse evaporado qualquer padecimento: ler é fazer nosso corpo trabalhar (sabe-se desde a psicanálise que o corpo excede em muito nossa memória e nossa consciência) ao apelo dos signos do texto, de todas as linguagens que o atravessam e que formam como que a profundidade achamalotada das frases. (BARTHES, 2004, p. 29).

No *Leitura em Voz Alta* a presença do corpo é sentida, e muito, mas também há a evanescência desse mesmo corpo. Cada participante conta com seu corpo, corpo que respira, que produz sons e que captura sons produzidos pelos outros. Durante a leitura há corpos que se tensionam, se arrepiam, mãos que suam. Corpos que chegam mais leves ou mais pesados, conforme o dia que atravessaram até chegarem ao final da tarde para a reunião de leitura. A relação entre leitura e corpo é também tangenciada em seus aspectos subversivos; afinal, “a leitura seria o gesto do corpo (é com o corpo, certamente, que se lê) que, com um mesmo movimento, coloca e perverte a sua ordem: um suplemento interior de perversão.” (BARTHES, 2004, p. 33).

Esses corpos tão cheios de vida e de história que circulam no *Leitura em Voz Alta* muito se diluem, no encontro com outros corpos. Eis um dos efeitos produzidos pelo encontro, pela alteridade. Acredito que esse pacto telescópico

de confiar no outro e correr o risco de, em alguma instância, se diluir nele talvez encontre no próprio texto um amparo. Isso porque se estabelece a possibilidade de lermos o “mesmo” resguardando lugar para o “diferente”, o que parece permitir um certo alargamento dos sentidos:

[...] não sei se a leitura não é, constitutivamente, um campo plural de práticas dispersas, de efeitos irredutíveis, e se, conseqüentemente, a leitura da leitura, a Metaleitura, não é nada mais do que um estilhaçar-se de ideias, de temores, de desejos, de gozos, de opressões, de que convenha falar à medida que surjam [...] (BARTHES, 2004, p. 31).

O encontro com o corpo, com a voz e com a escuta do outro redimensiona a presença de cada participante que integra o grupo, além, é claro, de renovar os muitos sentidos da obra lida. Acredito que se trata de uma experiência de alteridade ao extremo: ao emprestar a voz na leitura compartilhada, emprestamos muito mais que a vocalização do escrito, fazemos um exercício de descorporificação – a voz vai, e se esvai – enquanto há uma sensação de entrega ao encadeamento fônico da obra que chega a beirar quase ao horror de risco do não sentido.

Não raros são os relatos no grupo em que o leitor que está emprestando a voz, em seu turno de leitura, não entende/não lembra nada a respeito do trecho que recém leu. Percebe-se aí um esvanecimento do sujeito em detrimento da entrega à escuta/interpretação do outro. Ou seja, em seu turno de leitura em voz alta, cada leitor abre mão da condição de intérprete das relações de forma e sentido do texto que está sendo lido para emprestar seu corpo e sua voz ao próprio texto e oferecendo-se como instrumento para a escuta do outro.

Tudo indica que a partilha, a confiança e a solidariedade na construção do sentido no decorrer da leitura são fruto da alteridade ali representada pela entrega à escuta operada pelos parceiros. E o preço disso é, para cada um dos leitores que compõem o grupo, em seu turno de leitura, ser “a voz da vez” e disponibilizar-se como objeto da escuta do(s) outro(s).

## Referência

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Prefácio Leyla Perrone-Moisés; Tradução Mario Laranjeira, com revisão de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.